

Recebido em mai. 2013

Aprovado em jul. 2013

AS ‘IMAGENS DO PENSAMENTO’ PARA GILLES DELEUZE

ANDRÉ LUIS LA SALVIA *

RESUMO

O artigo pretende experimentar a noção de ‘imagem do pensamento’ criada pelo filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995). Queremos pensar qual a possível relação entre essa noção e a definição da filosofia como criação conceitual, no sentido de tentar entender por que somos afetados por uma filosofia. Pretendemos desdobrar essa noção em três linhas de estudo: uma noologia, o plano de imanência e o ‘estilo’ dos filósofos.

PALAVRAS-CHAVE

Gilles Deleuze. Criação conceitual. Filosofia.

ABSTRACT

The article intends to experience the notion of ‘thinking’s image’ created by the french philosopher Gilles Deleuze (1925-1995). We want to think what is the possible relation between this notion and the definition of the philosophy as conceptual creation, in the sense of trying to understand why does we affected by a philosophy. We intend to unfold this notion in tree way of study: a noologic, the imanence’s plan and the philosopher’s ‘styles’.

KEYWORDS

Gilles Deleuze. Conceptual’s creation. Philosophy.

* Doutorando em filosofia pela UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp).

INTRODUÇÃO

O que pode o pensamento? De onde ele vem? Como atua? Estas seriam perguntas que muitos filósofos se fizeram, se levamos em conta que aquele que é amigo da sabedoria, provavelmente é amigo do pensamento. Diante da história da filosofia, podemos experimentar uma ou outra definição do que é e do que pode o pensamento. Será que podemos escolher?

Nós fomos atraídos por uma noção criada pelo filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) chamada de ‘imagem do pensamento’. Sentimos necessidade de tentar responder porque nos afetamos por esta expressão, por que éramos forçados a pensar levados por duas perguntas: experimentar esta noção nos ajuda a entender nossa própria afetação por ela? Em que medida é possível estabelecer uma relação entre esta noção e a definição de Deleuze de que a ‘filosofia é criação conceitual’?

Decidimos fazer um breve mapeamento de suas aparições em algumas obras de Deleuze e também naquelas de Deleuze com seu parceiro Felix Guattari. Podemos dizer que as obras *Nietzsche e a Filosofia* (1962) e *Proust e os Signos* (1964), apresentam como Friedrich Nietzsche e Marcel Proust questionaram uma certa “imagem clássica, ou dogmática, do pensamento”, preparando o que virá em *Diferença e Repetição* (1968) quando Deleuze dedicará um capítulo a essa noção.

Podemos dizer que essa noção só volta a aparecer em *O que é a filosofia?* (1991, esta obra com Guattari) e algumas das entrevistas de *Conversações*

(1990). Porém, em uma dessas entrevistas, Deleuze revela que ficou obcecado por esta questão em *Lógica do Sentido* (1969) e ainda diz que a obra *Mil Platôs* (1980) é toda dedicada a uma “*imagem rizomática do pensamento*” (DELEUZE, 1992, p. 186). Não podemos esquecer de mencionar que os livros que compõem a obra *Cinema* (1983 e 1985) são dedicados as relações entre o pensamento e a imagem. De fato, o material a ser pesquisado para pensar sobre esta noção se estenderia por quase toda a obra de Deleuze e de Deleuze/Guattari, talvez isso explicasse um pouco o porquê de nossa afetação por ela.

Mas não era somente a sua presença em tantas obras que nos fez atrair pela noção de ‘imagem do pensamento’. Precisávamos mesmo era tentar responder as questões acima mencionadas e para isso decidimos experimentar três modos de encarar esta noção, modos estes que aparecem como constantes nas obras acima percorridas e que relacionam-se entre si para expressar o sentido que esta noção pode vir a ter.

Um dos modos de experimentar esta noção seria a relação de Deleuze com a história da filosofia, através do que ele mencionou como sendo uma “noologia” (Deleuze, 1992, p. 186), definida como os estudos das ‘imagens do pensamento’ dos filósofos, por que podemos estudar a história da filosofia através dessa noção?

Um segundo modo de pensar esta noção, seria a definição dada para a filosofia como criação conceitual, criação que possui um plano de imanência definido como sendo uma “imagem do pensamento” em *O que é a filosofia?*. Será que os filósofos traçam

imagens do que é o pensamento como parte do processo de criação conceitual?

Um terceiro modo de experimentar a noção de ‘imagem do pensamento’ seria pensá-la através da noção de “estilo” de um filósofo com seus *afectos* e *perceptos* através dos quais seus conceitos nos afetam, seria o termo “imagem” a expressão dessa capacidade de nos afetar dos conceitos?

Vamos percorrer um pouco cada um desses caminhos trifurcados.

NOOLOGIA

Noologia, uma noção que aparece bem pouco em Deleuze, encontramos em *Conversações* em uma de suas entrevistas, mas foi o suficiente para uma experimentação de seus possíveis sentidos. Eis a citação: “*a esses estudos das imagens do pensamento chamaríamos de noologia, e seriam eles os prolegômenos à filosofia*” (DELEUZE, 1992, p. 186). Lembrando aqui que o prefixo grego *noo-* refere-se a mente, ao pensamento. Portanto, com o neologismo ‘noologia’, Deleuze se referia aos estudos dos pensamentos. Há uma processo semelhante de criar um neologismo com o prefixo *noo-*, são os ‘noochoques’ para descrever o processo pensamento das imagens-movimento e os ‘noosignos’ para certos tipos de signos da imagem-tempo, na obra *Cinema*. Apesar de parecer pouco esta palavra possui uma força tremenda, afinal, noologia aparece como estudo das imagens do pensamento dos filósofos e seria a introdução crítica ao estudo da filosofia. Como isso é possível?

Sentimos necessidade de colocar o contexto de aparição dessa noção. É uma resposta de Deleuze a uma pergunta feita por Raymond Bellour e François Ewald em 1988, a pergunta era sobre de onde vinha a necessidade de criar conceitos e sobre a existência de um “progresso” em filosofia. Como a resposta é longa, resolvemos recortar os trechos em que aparece a noção de “imagem do pensamento”:

Suponho que existe uma imagem do pensamento que varia muito, que tem variado muito ao longo da história. Por imagem do pensamento não entendo o método, mas algo mais profundo, sempre pressuposto, um sistema de coordenadas, dinamismos, orientações: o que significa pensar, e ‘orientar-se’ no pensamento. [...] A imagem do pensamento é como que o pressuposto da filosofia, precede esta; desta vez não se trata de uma compreensão não filosófica, mas sim de uma compreensão pré-filosófica. Há pessoas para quem pensar é ‘discutir um pouco’. Certo, é uma imagem idiota, mas mesmo os idiotas têm uma imagem do pensamento, e é apenas trazendo à luz essas imagens que se pode determinar as condições da filosofia. [...] É a imagem do pensamento que guia a criação dos conceitos. (DELEUZE, 1992, p. 185-186).

Imagem do pensamento seria a definição que o próprio pensamento dá para o que significa pensar e para o que pode o pensamento. Os filósofos fazem isso, até os idiotas fazem, e por isso que ela tem variado muito ao longo da história. São elas que guiam a criação conceitual dos filósofos, porque elas são tão criadas

quanto os conceitos. A noologia seria o estudo das criações de ‘imagens do pensamento’ da filosofia.

Na argumentação de Deleuze, a noologia passa por diversos momentos, pois tem variado muito. Mas podemos dizer que um primeiro momento da ‘noologia’ é uma ‘imagem do pensamento’ que certos filósofos da tradição fizeram do que podia o pensamento. Em um segundo momento, ela é utilizada para designar a imagem que qualquer filósofo faz do pensamento. De modo que no nosso modo de ver há uma variação na função da noção de ‘imagem do pensamento’, porque ela primeiramente serve para criticar uma certa visão tradicional da filosofia para, depois, ela designar uma parte do processo de toda criação filosófica.

Como em *Nietzsche e a Filosofia*, *Proust e os Signos e Diferença e Repetição*, presenciamos uma crítica a “imagem clássica do pensamento”? A imagem clássica, ou dogmática, toma o pensamento como um conhecimento representativo, o que significa que para ela os conceitos já estão dados e são explicados por faculdades capazes de os dar uma forma abstrata, ou geral, ou utilizá-los em juízos. Esse processo acontece por que teríamos o bom senso de procurar a verdade com o uso da natureza reta do pensamento e com as suas faculdades trabalhando conjuntamente para reconhecer os objetos e depois rerepresentá-los subordinados a categorias e logicamente descritos, bastando um método seguro que as descubra. Dirá Deleuze que o que define essa imagem clássica do pensamento é que “o pensador como pensador quer o verdadeiro, ama ou deseja o que é verdadeiro, procura naturalmente o verdadeiro” (DELEUZE, 2003, p. 88).

Diante dessa crítica, Deleuze pretende estabelecer uma outra imagem do pensamento, ele chega a afirmá-la como um “pensamento sem imagem”¹, podemos dizer que ele criará a sua “imagem do pensamento” como aquele que é criativo, que começa a cada vez, motivado pela força dos encontros com signos que dão o que pensar. Dessa forma, parecemos que a noção de “imagem do pensamento” é deslocada da crítica pesada a uma certa tradição filosófica para um dos elementos da “criação filosófica” o que nos leva a segundo modo de experimentação que apontamos acima e o que nos deixa como legado a ideia de que todo filósofo cria uma imagem do que significa pensar, a tradição filosófica criou uma imagem persistente, porém há outras tantas. Por isso, podemos propor uma noologia para a introdução da filosofia, porque ela seria um estudo das diferentes imagens que os filósofos dão para o que significa pensar.

PLANO DE IMANÊNCIA

Depois de percorrer as obras da década de 1960 e chegarmos a obra *O que é a filosofia?*, escrita conjuntamente com Feliz Guattari na década de 1990, experimentamos uma variação que a noção de “imagem do pensamentos” parece expressar, afinal é aqui que aparece a afirmação explícita de que a “*o plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do*

¹ A noção de ‘pensamento sem imagem’ aparece mais de uma vez em *Diferença e Repetição*, citadas principalmente em DELEUZE, 1968, p. 131, 145, 161 e 260.

que significa pensar, fazer uso do pensamento.” (DELEUZE/GUATTARI, 1992b, p. 53).

Nesta obra, os autores definem a filosofia como criação conceitual e esta noção possui três componentes: o plano de imanência, os conceitos e os personagens conceituais. O plano de imanência, a imagem do pensamento, é pré-filosófica porque seria o traçado de um território onde se instalarão a complexa máquina filosófica, território onde os problemas, os signos, os conceitos, as singularidades, os acontecimentos entrarão em relações e nos darão o pensamento de determinado pensador. Imanência vem a ser a expressão de que tudo é criado a partir de um encontro, um plano de onde surgirão os elementos e variações filosóficas. Deleuze/Guattari parecem nos querer dizer que este plano é a própria definição do que é e do que pode o pensamento, mas como opera este plano?

Plano de imanência é um corte operado pelos filósofos. Um corte no caos. Do caos caotizante recorta-se uma região da qual se quer pensar e na qual os conceitos virão povoar. Por isso, ‘um’ corte, pois existem muitos cortes possíveis. Um corte que cria uma superfície absoluta no caos que é um reservatório de acontecimentos, infinitos movimentos de puras variabilidades que darão o que pensar, os conceitos são a expressão da experiência do pensamento: “*um conceito é um conjunto de variações inseparáveis, que se produz ou se constrói sobre um plano de imanência, na medida em que este recorta a variabilidade caótica e lhe dá consistência (realidade)*”. (DELEUZE/GUATTARI,

1992, p. 263). Por isso que a concepção da filosofia como criação conceitual é uma noção composta onde é necessário conceber o caos caotizante como um pressuposto, o traçado de um plano como seleção pré-filosofia daquilo que dará o que pensar e o que pode um pensamento, conjuntamente com a criação de conceitos que povoam o plano e, ainda, os personagens conceituais que expressam esses conceitos. E nesse sentido que cada pensador modula o que significa pensar e conseqüentemente traça uma 'imagem do pensamento', no sentido de que são criadores.

Agora, se dobrássemos o pensamento de Deleuze/Guattari sobre ele mesmo, o que teríamos? Talvez, a noção de que a imagem deleuze-guattariana do pensamento é a de que o pensamento começa a cada vez forçado pelos signos. Mas será que assim Deleuze/Guattari recolocam um transcendente no pensamento, transcendente que tanto queriam fugir? Dificílima pergunta a ser respondida. Assim como para Deleuze o pensamento começa a cada vez a partir de encontros, nosso pensamento começou a partir do encontro com a noção de 'imagem do pensamento'. O pensamento começar a partir de encontros e os encontros são nós problemáticos de um rizoma dos quais os pensamentos saltam. Pensamento, imanente e rizomático e criativo.

AFFECTOS, CONCEITOS E PERCEPTOS

Criação, tudo parece remeter a processos criativos. E se pensássemos o estilo dos filósofos como a expressão do seu potencial criador? Qual o sentido

de Deleuze nos dizer que “*creio que os grandes filósofos são também grandes estilistas*” (DELEUZE, 1992, p. 203) e ainda dizer que “*a filosofia é devir, não é história; ela é coexistência de planos, não sucessão de sistemas*” (DELEUZE/GUATTARI, 1992, p. 78). Estilo, devir, coexistência, mas o que tudo isso pode nos dizer da criação dos filósofos e na filosofia?

Levamos em conta a noção de que as filosofias “*são retratos mentais, conceituais*” (Deleuze, 1992, p. 169) e que o estilo de cada filósofo marca sua diferenciação em relação aos outros filósofos, mas algo os faz coexistir, o fato de criar conceitos e por em movimento os conceitos, operar um devir conceitual. Desse modo, as escolhas de determinadas palavras, a delimitação de determinados problemas, a afetação por determinados signos, o traçado de determinado plano, a definição de uma imagem do pensamento... marcam o traço diferenciador de cada um dos grandes filósofos e faz de suas escolhas a expressão de seu estilo, desenham o retrato mental que nos oferecem. Por isso não há evolução e progresso entre os filósofos, mas sim coexistência.

Para Deleuze, faz parte do estilo do filósofo nos inspirar novos *perceptos* e novos *afectos*, como novas maneiras de sentir e novas maneiras de ver e ouvir, talvez porque são os *perceptos* e *afectos* que despertam em nós o que nos atrai por um conceito. Pinçando uma citação de Anne Sauvagnargues para definir o que ela entende por estilo, temos “*o estilo é uma passagem de afectos que arrasta, contamina e subverte os compostos significantes da língua para fazer surgir novos perceptos*”

(SAUVAGNARGUES, 2010, p. 20). Como podemos experimentar a noção de “imagem do pensamento” relacionada com os *affectos* e *perceptos*? Talvez, pensar a relação traçada por Deleuze/Guattari entre ‘estilo’ e ‘gosto’, na citação abaixo que extraímos do livro *O que é a filosofia?*, quando os autores tentam argumentar sobre como, no processo de criação conceitual, os filósofos-criadores nomeiam suas criações:

E de início os conceitos são e permanecem assinados: substância de Aristóteles, cogito de Descartes, mônada de Leibniz, condição de Kant, potência de Schelling, duração de Bergson... Mas também alguns exigem uma palavra extraordinária, às vezes bárbara ou chocante, que deve designá-los, ao passo que outros se contentam com uma palavra corrente muito comum, que se enche de harmônicos tão longínquos que podem passar despercebidos a um ouvido não filosófico. Alguns solicitam arcaísmos, outros neologismos, atravessados por exercícios etimológicos quase loucos: a etimologia como atletismo propriamente filosófico. Deve haver em cada caso uma estranha necessidade destas palavras e de sua escolha, como elemento do estilo. O batismo do conceito solicita um gosto propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação, e que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza. Ora, apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, e todavia são submetidos a exigências de renovação, de substituição, de

mutação, que dão à filosofia uma história e também uma geografia agitadas, das quais cada momento, cada lugar, se conservam, mas no tempo, e passam, mas fora do tempo. (DELEUZE/GUATTARI, 1992, p. 169).

Apesar de longa, a citação nos ajudar a perceber como Deleuze/Guattari tratam da escolha das palavras que nomeiam os conceitos criados pelos filósofos e como o 'batismo' dos conceitos depende de um certo 'gosto', o que faz deste 'gosto' um elemento do estilo do filósofo. O que parece aproximável com a definição de Anne Sauvagnargues acima citada, é que a filosofia "constitui uma língua", que traz novos tons, modula as palavras para que sirvam a seus propósitos criativos.

A própria definição do que significa pensar e do que pode o pensamento faz parte desse 'estilo' dos filósofos. A definição do que é o pensamento que um filósofo cria, precisa expressar traços que nos afetem por que tocam nossa maneira de sentir, de ver e ouvir, não somente nossa maneira de pensar. Talvez aqui resida a justificativa da escolha da palavra 'imagem' para a criação dessa noção, porque a 'imagem' talvez possa expressar uma característica plástica de um 'retrato mental' que nos faz sentir, ver, ouvir, pensar ao entrar em contato com um texto de filosofia. Qualquer filósofo é a expressão de uma possibilidade de variar nosso modo de pensar, cada um possui um estilo e cria sua imagem do pensamento com seus conceitos. Seremos afetados por um, ou por alguns deles, depende também da nossa capacidade de encontrar-se com eles ou não.

CÉREBRO E IMAGEM DO PENSAMENTO

Até agora retemos que cada filósofo cria uma 'imagem do pensamento', alguns até podem compartilhar uma mesma 'imagem'. Esse processo faz parte do 'estilo' de um filósofo, essa imagem inclusive pode nos afetar, uma vez que nos dá novas maneiras de sentir, ver e ouvir, além de novas maneiras de pensar. Podíamos até confabular uma introdução a filosofia que levasse em conta as 'imagens do pensamento' para justificar o porque de estudar filosofia.

Porém, chegou a hora de revelar algo ocultado mais acima. Eis que quando citamos a entrevista dada por Deleuze a Raymond Bellour e François Ewald, propositalmente esquecemos de lembrar o leitor que ela ainda continha uma última questão, referente a situação da filosofia hoje e como Deleuze definiria seu programa, suas necessidades e suas tarefas.

E resposta passava pela "microbiologia do cérebro" (DELEUZE, 1992, p186) com mecanismos probabilísticos, semi-aleatórios, quânticos, um rizoma. Seria uma imagem do pensamento atual aquela que aparece em *O que é a filosofia?*, quando Deleuze/Guattari nos dizem que

[...] é o cérebro que pensa e não o homem, o homem sendo apenas uma cristalização cerebral (...) A filosofia, a arte, a ciência não são os objetos mentais de um cérebro objetivado, mas os três aspectos sob os quais o cérebro se torna sujeito, Pensamento-cérebro, os três planos, as jangadas com as quais ele mergulha no caos e o enfrenta. (Deleuze/Guattari, 1992, p. 247).

Deleuze/Guattari vão nos dizer que há um caos. O caos formado por variabilidades infinitas cuja aparição e desaparecimento coincidem, puro amontoado de devires e acontecimentos, mais rápidos que o pensamento. O pensamento precisa criar um pouco de tranquilidade e de organização nesse caos, e a opinião seria uma primeira expressão dessa tentativa, porque, enquanto associação de ideias distintas, a opinião tenta estender um ‘guarda-chuva’ sob o caos. Porém, Deleuze/Guattari pretendem liberar um potencial criativo do pensamento rasgando esse guarda-chuva para compor com o caos, ter consistência sem perder esta variação infinita, o que os levam a dizer que “*o problema da filosofia era pensar como o pensamento pode ter consistência, criar, sem perder de vista a movimentação infinita e múltipla da vida.*” (DELEUZE/GUATTARI, 1992, p. 59).

A filosofia, mas também a arte e a ciência, compõe com o caos sua razão de ser e para atestar essa afirmação eles dizem que o cérebro, um pensamento-cérebro é a junção desse potencial no homem: “*se os objetos mentais da filosofia, da arte e da ciência (isto é, as ideias vitais) tivessem um lugar, seria no mais profundo das fendas sinápticas, nos hiatos, nos intervalos e nos entre-tempos de um cérebro inobjetivável, onde penetrar, para procurá-los seria criar*” (Deleuze/Guattari, 1992, p. 246). Diz ainda que “*todo novo pensamento traça ao vivo no cérebro sulcos desconhecidos, torce-o, dobra-o, fende-o*”. (DELEUZE, 1992, p. 186).

A filosofia, a ciência e a arte são um ‘caosmos’. A arte cria variedades, a filosofia cria variações e a

ciência cria variáveis para o caos de variabilidades infinitas. Isso porque o que buscam é criar uma consistência, mas sem perder a variação infinita da vida. O cérebro com seus hiatos, suas interrupções, suas ligações aleatórias, com uma eletricidade pulsante que percorre um rizoma de neurônios nas suas dobraduras, seria a sede desse potencial criativo do pensamento. Seria esta uma 'imagem do pensamento' atual da filosofia?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. *Cinéma-1: l'image-mouvement*. Paris: Éditions de Minuit, 1983. [*Cinema 1: a imagem-movimento*. Trad. Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985].

_____. *Cinéma-2: l'image-temps*. Paris: Éditions de Minuit, 1985. [*Cinema 2: a imagem-tempo*. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990].

_____. *Différence et répétition*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968. [*Diferença e repetição*. Trad. Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988].

_____. *Marcel Proust et les signes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964; edições aumentadas em 1970 e 1976. [*Proust e os signos*. 2. ed. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 2003].

_____. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. [*Nietzsche e a filosofia*. Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976].

_____. *Pourparlers*. Paris: Éditions de Minuit, 1990. [*Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992].

GUATTARI, Felix. DELEUZE, Gilles. *Qu'est-ce que la philosophie?*. Paris: Éditions de Minuit, 1991. [*O que é a filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992].

SAUVAGNARGUES, Anna. Deleuze, cartografias do estilo: assignificante, intensivo, impessoal. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 9, p. 20-34, out 2010.

ZOURABICHVILLI, F. Deleuze. *Une philosophie de l'événement*. Paris: PUF, 1994.

_____. *Dicionário de Deleuze*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.